

A fuga do seringal, para a liberdade

ANTONIO HIGA
Enviado especial

A falta de assistência, a insegurança e a exploração estão provocando no interior do Amazonas o maior exodo já conhecido — e que nos últimos cinco anos chegou a 40 por cento — com o abandono dos seringais e a invasão das cidades por levas de migrantes subnutridos e desorientados. O meio se impôs ao homem, o homem se sujeitou ao meio e, agora, quer libertar-se.

São observações de universitários do Projeto Rondon, que estiveram no município de Boca do Acre, em janeiro passado. O levantamento sócio-econômico da região foi feito por dois rondonistas, que aproveitaram os quatro dias que ainda restavam para o regresso (deixaram Boca do Acre dia 3 de fevereiro) para entrar na mata, conversar com autoridades e com a população. A equipe do Rondon era integrada por 11 universitários sob a jurisdição da Coordenação do Projeto Rondon da área de São José do Rio Preto; eles atuaram nos setores de Saúde, Educação e Veterinária, e orientaram a Prefeitura na elaboração de cadastro imobiliário, aplicação do Fundo de Participação dos Municípios, etc.

Boca do Acre é município do Estado do Amazonas (por causa do nome, pensa-se que pertence ao Estado do Acre). Suas ligações são mais acentuadas com Rio Branco (capital do Acre) e com o Sul do que com a própria capital, Manaus. É lá que se pretende instalar um campus avançado para as faculdades da região de São José do Rio Preto. Boca do Acre está a menos de 200 quilômetros de Rio Branco (em linha reta) e a mais de 1.000 quilômetros de Manaus.

Afirmam os dois rondonistas: "Mesmo na zona urbana, o homem tornou-se um acomodado, um descrente, e faz apenas o necessário para viver. Tem o rio para lhe fornecer o peixe e a mata para caçar. Os que conseguem algum dinheiro deixam o Interior e procuram os centros maiores, fugindo das precaríssimas condições de vida: na mata, o seringueiro está em situação inferior à do escravo. Este, pelo menos tinha alguém que se responsabilizava pela sua alimentação".

No relatório que apresentaram à Coordenação do Rondon, lembram diálogos assim:

— Já pensaram em desenvolver a agricultura?

O seringueiro responde: — Costariamos de trabalhar, ganhar mais. De que adianta produzir, se não temos para quem vender?

Ou cenas assim descritas: o patrão (seringalista) chega num barco e o seringueiro oferece-lhe um couro de catitu. O patrão faz a sua proposta — um quilo de sal pelo couro — e a troca é efetuada. O sal custa apenas Cr\$ 1,50 o quilo.

O Amazonas — pelo menos no Interior — vive uma fase de transição com o êxodo rural, e provavelmente para melhor, pois coincide com os planos do governo do Estado de dar melhores condições às populações do Interior. Fala-se, mais objetivamente, em oferecer orientação técnica aos seringueiros, em fazer plantios racionais da árvore produtora do látex, em implantar infra-estrutura em municípios que possam vir a ser, futuramente, polos regionais de desenvolvimento. Mas esse desenvolvimento só poderá ser alcançado a longo prazo.

"VOU EMBORA"

"A cantiga do seringueiro é apenas uma: vou embora. Ele está cansado de sofrer, de ser injustiçado". A afirmação é do padre Paulino Baldassari, que durante vários anos serviu em Boca do Acre e atualmente está na cidade acreana de Sena Madureira. Os seringueiros, continua, vieram do Nordeste, eram flagelados, por isso suportaram e até chegaram a se adaptar à vida nos seringais. A maioria é procedente do Ceará; eles fugiam da seca, mas, na primeira

oportunidade, retornam ao seu Estado de origem ou se dirigem para centros maiores ou vão para o Sul.

O regime de exploração dos seringueiros pelos seringalistas pode ser feito de duas maneiras: sujeição ou arrendamento. Pelo primeiro sistema, o patrão fornece alimentos para o seringueiro e este é obrigado a lhe vender toda a produção de borracha. Quanto mais distante o seringal do município, menor o preço do látex e maior o dos gêneros alimentícios. Depois da colheita, são feitas as contas e quase sempre o seringueiro fica devendo. Por isso, está sempre na dependência do seringalista.

Pelo outro sistema, o seringalista recebe, por duas estradas (estradas são veredas nas florestas e cada uma tem uma média de 150 árvores), 50 quilos de borracha. O seringueiro vende o resto da produção para quem quiser, embora alguns patrões exijam que ele seja o comprador das bolas de borracha defumada. O preço do quilo da borracha, na fonte, é de 2,50 a 3 cruzeiros e cada estrada dá uma produção média de 420 quilos. O sistema de arrendamento é feito em seringais de produção reduzida. Há seringais que têm 3 mil estradas, mas a maioria não

explorada por falta de interesses. Suas áreas são maiores do que alguns países europeus.

Para o padre Paulino, o seringueiro, pelo sistema de sujeição, vive num regime de escravidão mas o seringalista também pode ser prejudicado: ele fornece os alimentos adiantados e se o seringueiro adoecer, não recebe a produção. Pelo sistema de arrendamento, há também desvantagens: os arrendatários procuram retirar o máximo da árvore, não se importando com a seringueira. O corte tem que ser feito de determinada altura (de um metro a um metro e meio) até alcançar o solo, mas, muitos chegam a usar escadas para fazer cortes mais no alto, ou então cortam a raiz para extrair o látex. E a árvore morre. Agora, já são feitos contratos constando cláusulas pelas quais o seringueiro tem que proteger e conservar a árvore.

Além desses fatores, a Zona Franca de Manaus e o frigorífico de peixes instalado em Boca do Acre são outros motivos do êxodo. O frigorífico adquire peixes de cerca de 100 famílias e vai aumentar a sua capacidade de estocagem, para exportar mais de 50 toneladas neste ano. Na floresta, a resistência do seringueiro vai sendo minada: ele sai de madrugada, faz o corte nas árvores, almoça; à tarde recolhe o látex para, à noite, fazer a defumação. Tem 4 ou 5 horas para descansar. Todo o processo — desde a extração até a defumação — é rudimentar, primitivo.

É tradicional fazer o corte da direita para a esquerda, mas o certo é o contrário, para cortar todas as veias e a faca não ferir o cerne da árvore. O corte é feito dia sim, dia não, pegando metade do diâmetro da árvore. Geralmente, são feitos cortes dos dois lados, no formato de uma espinha de peixe e, no centro, colocam a tijelinha para colher o látex.

Usinas na área, para beneficiar a borracha

A ACAR — Associação de Crédito e Assistência Rural — e a SUDHEVEA — Superintendência do Desenvolvimento da Hevea — fizeram projetos para a instalação de usinas de beneficiamento de borracha em regiões produtoras, e uma delas em Boca do Acre. As usinas existentes estão localizadas fora das áreas produtoras e por isso a borracha defumada vai para Manaus e Itacoatiara para ser beneficiada; posteriormente é enviada aos centros industriais (principalmente cidades paulistas). O transporte e os intermediários aumentam o preço do produto e, assim, o produtor primário (seringueiro) vive num regime de constante dependência a patrões ou comerciantes.

"São as usinas que recebem a maior parcela de lucro. Se instalada em Boca do Acre, seringalistas e seringueiros serão beneficiados, financeiramente. Seriam eliminados os intermediários, o custo do transporte até as atuais usinas e a borracha seria transportada de Boca do Acre diretamente para o Sul" — declarou Justina Sanches, da ACAR.

Já houve reuniões entre produtores de borracha e todos concordaram em formar uma sociedade anônima para instalação da usina.

"Pretendemos — disse Justina — implantar o método de coagulação do látex pelo ácido acético, que elimina o processo de de-

fumação beneficiando a saúde do seringueiro (a defumação afeta a visão e o pulmão) e ele teria mais horas para a extração do leite. A borracha, com o ácido fica mais limpa. Procuraremos orientar os seringueiros na criação de pequenos animais para a sua subsistência e na formação de hortas.

CASTANHA

O seringueiro também é quebrador de castanha. No inverno abandona a seringueira porque a mata fica alagada e o leite da árvore tem muita água. E vai colher os ouriços para quebrá-los e retirar a castanha, que é enviada a Manaus. Há castanhas enormes, abandonadas pelo êxodo. O produto é exportado com a casca (em bruto) para os Estados Unidos, o maior comprador, e volta enlatado. No processo de industrialização, descasca-se a castanha para ser torrada. Em quase todos os seringais há castanha, que serve de alimentação para os seringueiros. Cozinham-na e o óleo que fica por cima é aproveitado. Ou ralam a castanha e o leite que, misturado com água, é dado às crianças.

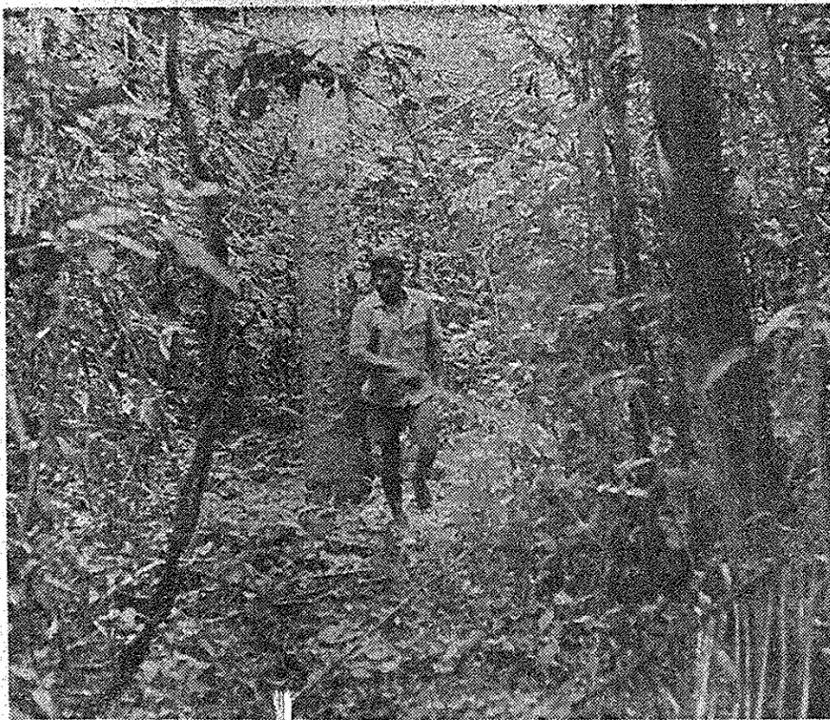


Foto do enviado especial

O homem dos seringais procura na cidade uma vida sem explorações